

Sarney

Felix de Athayde

¡Muy amigos!

-7 JUL 1987

Com os amigos que tem, Sarney não precisa de inimigos. Se o inimigo diz "mata", "martelete nele"; o amigo diz "esfola", "Plano Bresser nele". "O Ministro Brossard afirmou que (...) o atentado, de certa forma, foi positivo, (...) — e aliviou: "pois mostra que o Brasil não ficou livre desse tipo de agressão." (*O Globo*, 29/6/87). É verdade, o Brasil não ficou livre desse tipo de agressão.

Agressão que o diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, considera "uma ação da guerrilha urbana." (*O Globo*, 29/6/87). Não é de guerrilha urbana: ato próprio de guerrilha urbana. Mas, da guerrilha urbana, que sobrevive no Brasil, apesar dos denodados esforços da Polícia Federal, apesar dos propósitos da Nova República, apesar de certas liberdades.

Para enfrentar o dragão da maldade, João das Regras, digo Saulo Ramos, tem a arma: é a Lei de Segurança Nacional. O homem da Lei "preparou uma longa justificativa jurídica para esclarecer as razões que levaram o governo a aplicar uma das mais condenadas leis — a de Segurança Nacional — pelo seu autoritarismo." (JB, 28/6/87).

Volta o presente ao passado.

Se fosse outro, eu diria que a Nova República só se diferencia da Velha pelo bigode. Prende e arrebeta como outrora.

No passado — eu me lembro, eu me lembro, era exilado —, discutia-se, num grupo, os dissabores e horrores do AI-5. Todos, quase todos, vituperaram o Ato. Menos um. Disse esse único: deixa aí, deixa o Ato como está que, quando a gente vencer, a gente usa contra eles. Deu



"zebra". São os pingentes da Nova República que, agora, usam a LSN contra os vencedores.

É um desrespeito e uma provocação. Principalmente, quando se sabe que "as normas do regulamento reservado do Exército para proteção ao presidente da República foram praticamente esquecidas, pelo Gabinete Militar, na viagem de Sarney ao Rio (...)" e "o mais grave é que o SNI havia previsto manifestações de rua, o que exigiria segurança máxima." (JB, 29/6/87). Que mal pergunte e inutilmente pergunte: o que vai acontecer com os "esquecidos"? Serão, também, enquadrados na LSN? Leva-me o vento a voz, que ao vento deito:

Arrisco um palpite: a rebordosa vai sobrar para o PMDB. E com razão, se ele não tomar iniciativa democrática já e já. Pelos seus 21

anos de luta contra a ditadura — as leis da ditadura —, pelos seus 27 milhões 800 mil eleitores — 49,7% do eleitorado nacional —, o PMDB não pode admitir a aplicação da LSN contra ninguém. Nem contra os "esquecidos". O mínimo que se espera do PMDB é que vote — aproveita a próxima convenção para votar — uma moção de protesto contra o uso (ab-uso) da LSN. E desligar-se do governo, se ela for mesmo aplicada. Proceda-se a rigoroso inquérito — tão rigoroso quanto o da Ferrovia Norte-Sul — e enquadrem-se os culpados no Código Penal.

E o Governo que se guarde. As assuadas vão continuar. O SNI já deve ter previsto que as arruaças vão continuar. Tá na cara ou não caro. Enquanto o Plano Bresser vigir, aumentando preços, diminuindo salários e forçando desemprego, as manifestações de rua vão se suceder e serão, cada vez mais, violentas. Breve, a população começa a quebrar ônibus... Não dá mais pra segurar... Se isso acontecer, o Governo tem a LSN para defendê-lo.

PS — Recentemente, escrevi que o Plano Bresser tem suas leis próprias, não tem nada a ver com o povo. Pois, menino, foi eu falar e Bresser confirmar: "Fundamental é o equilíbrio macro e microeconômico e não o apoio do povo." (*O Globo*, 28/6/87). Reconheço: o homem tem topete. Não é qualquer fogo de palha que o tira do Ministério da Fazenda. Ele acredita no plano e não acredita em recessão. A realidade — "País já tem 2 milhões de desempregados" (JB, 30/6/87) — costuma discordar da teoria. A realidade sempre agride o Governo. Bresser não acredita em recessão. Para Bresser, recessão é matéria de fé.